

PENSANDO O CONCEITO DE UTOPIA

A PARTIR DA *UTOPIA* DE THOMAS MORE

THINKING ABOUT THE CONCEPT OF UTOPIA BASED ON THOMAS MORE'S UTOPIA

Ana Cláudia Romano Ribeiro¹
UNIFESP

RESUMO: Como pensar o conceito de utopia a partir da *Utopia* de Thomas More, de sua literariedade própria, de seu ambiente cultural? Neste pequeno texto, a autora, tradutora da *Utopia*, retoma e resume algumas das ideias-chave que têm norteado suas pesquisas acerca deste clássico de todas as estações.

¹ Ana Cláudia Romano Ribeiro, tradutora da *Utopia* de Thomas More (Editora da UFPR, no prelo), doutorou-se em Teoria e História Literária pela Unicamp, onde também fez seu pós-doutorado, na área de Letras Clássicas. É professora no Departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo, Campus Guarulhos, SP, Brasil. E-mail: acrribeiro@unifesp.br.

Palavras-chave: *Utopia*, Thomas More, conceito de utopia

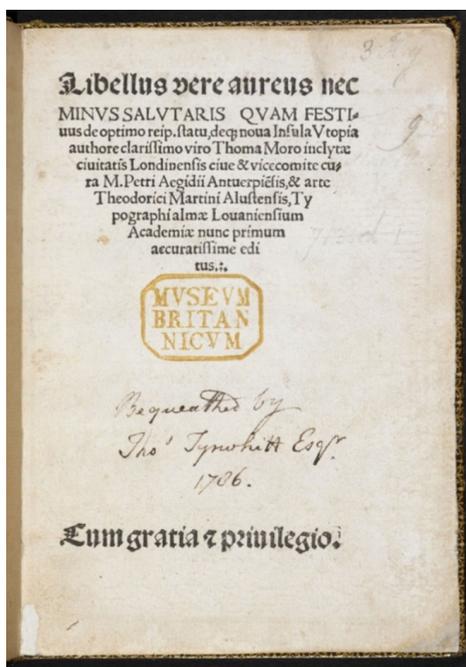
ABSTRACT: How to think the concept of utopia based on Thomas More's *Utopia*, on its own literariness, on its cultural environment? In this short text, the author, translator of *Utopia*, resumes and summarizes some of the key ideas that have guided her research on this classic of all seasons.

Keywords: Thomas More, concept of utopia

Em finais de 1516, as máquinas da oficina tipográfica de Dieryck Martens², em Lovaina, sob os cuidados editoriais de Pieter Gillis e Erasmo, imprimem o *Libellus uere aureus nec minus salutaris quam festiuus de optimo rei publicae statu, deque noua insula Utopia* (“Livrinho verdadeiramente de ouro, não menos salutar que divertido, sobre a melhor forma de república e sobre a nova ilha de Utopia”), de Thomas More. Esse *libellus* terá vastíssima fortuna e, ao longo de seus mais de quinhentos anos, nunca cessará de ser traduzido, republicado ou reescrito na forma de novas viagens a outros lugares imaginários.³

2 Martens, impressor experiente e atuante em Lovaina e Antuérpia, havia sido o primeiro a estabelecer uma oficina tipográfica no que hoje se chama Bélgica, em 1473. Imprimiu a primeira carta de Cristóvão Colombo sobre o Novo Mundo, o *Elogio da loucura* de Erasmo em 1515, além de obras de Enea Piccolomini (futuro papa Pio II) e Juan Luis Vives, entre outros; dentre os antigos, editou Aristóteles, Aristófanes e Luciano.

3 Acrescente-se às traduções, novas publicações e reescritas a vastíssima fortuna crítica, inclusive aquela produzida por grupos de pesquisa sobre utopia e fenômenos dela derivados ou a ela correlatos, no Brasil e no exterior tais como o “Literatura e Utopia”, fundado em 2000 por Ildney Cavalcanti, professora da Universidade Federal de Alagoas, “Renascimento e Utopia”, fundado em 2004 pelo professor Carlos Berriel, na Universidade Estadual de Campinas, juntamente com a revista *Morus – Utopia e Renascimento*, a *Society for Utopian Studies*, fundada em 1975 nos Estados Unidos, o *Centro Interuniversitario di Studi Utopici*, fundado na Universidade de Salento em 1982, responsável pela *Rivista di Studi Utopici*, a *Utopian Studies Society*, fundada na Inglaterra em 1988 juntamente com o *Utopian Studies Journal*, o *Centro Interdipartimentale di Ricerca sull’Utopia*, criado na Universidade de Bolonha em 1989, e o *Ralahine Center for Utopian Studies*, irlandês, fundado na Universidade de Limerick em 2003. A associação *Amici Thomae Mori* é responsável por uma revista inteiramente dedicada à vida e à obra de Thomas More, a *Moreana*, fundada em 1963. Cada um desses grupos coordena encontros e publicações variadas, em livro ou revista, além de reedições de utopias. Por fim, é preciso citar a professora Fatima Vieira, da Universidade do Porto, responsável por várias atividades e programas acadêmicos vinculados ao tema da utopia, como a coleção *Nova Biblioteca das Utopias* e os periódicos eletrônicos *E-topia: Revista Eletrônica de Estudos sobre a Utopia* e *Spaces of Utopia*. Para mais informações sobre esses e outros grupos de pesquisa sobre utopia, ver Cavalcanti, 2016, e Ribeiro, 2016.



Frontispício da *Utopia*, edição de 1516⁴

Ao abrir essa primeira edição e virar o frontispício, o/a leitor/a se depara, na página da esquerda, com uma representação em xilogravura da ilha de Utopia, de autoria desconhecida, e na página da direita, com o alfabeto utopiano e um tetrástico em língua utopiana, transliterado e traduzido em latim, em que a própria ilha fala:

Utopo, meu governante, de uma não ilha fez uma ilha.
Única de todas as terras e sem filosofia, eu,
Uma cidade filosófica mostrei aos mortais.
De bom grado divido o que é meu, sem hesitar aceito
o melhor.⁵

4 Imagem disponível no site da British Library: <https://www.bl.uk/collection-items/thomas-mores-utopia>.

5 “Vtopus me dux ex non insula fecit insulam./ Vna ego terrarum omnium absque philosophia/ Ciuitatem philosophicam expressi mortalibus./ Libenter impartio mea, non grauatim accipio meliora” (More, 1966, edição fac-similar sem numeração). Todas as traduções da *Utopia* e de seus paratextos são minhas, de edição que tem a revisão de Paulo Sérgio de Vasconcellos, professor da área de Letras Clássicas da Universidade Estadual de Campinas, e tradução dos trechos em grego por Lucia Sano, professora da área de Letras Clássicas da Universidade Federal de São Paulo (editora da UFPR, no prelo).

O efeito de concretude trazido pela imagem de página inteira desse território desconhecido é reforçado pela estranheza de um alfabeto feito de signos gráficos incógnitos e pelo poema em que a própria ilha se apresenta e anuncia alguns dos temas que serão alvo de escrutínio no *Libellus uere aureus*: a figura do governante, a relação entre filosofia e bom governo. Soma-se a isso, na página seguinte, um hexástico escrito por um poeta de nome Anemólio, “sobrinho de Hitlodeu por parte de sua irmã”, em que, novamente, a própria ilha toma a palavra:

Utopia, disseram os antigos, isolada,
 Agora êmula da cidade platônica,
 Talvez vitoriosa (pois esta, em palavras,
 delineou o que eu sozinha apresentei,
 com homens, riquezas e a melhor legislação),
 Eutopia, por tal nome mereço ser chamada.⁶



Utopia, edição de 1516⁷

6 “Utopia priscis dicta, ob infrequentiam./ Nunc ciuitatis aemula Platonicae./ Fortasse uictrix, (nam quod illa literis/ Delineauit, hoc ego una praestiti.)/ Viris & opibus, optimisque legibus/ Eutopia merito sum uocanda nomine.” (More, 1966, s.n.).

7 Imagem disponível em <http://4umi.com/more/utopia/>.

As referências diretas à *República* de Platão e à cultura antiga, latina e grega, em um livro assinado por uma figura pública, advogado de cidadãos/ãs de todos os extratos sociais, conhecedor ativo dos assuntos da nação, são pistas para situar e aportar no território desconhecido deste não-lugar.

Nele, enigmas escondem-se em palavras. Anemólio deriva do vocábulo grego *anemos*, “vento”, quase como a soprar a não-corporeidade do personagem ou a indicar aquele que espalha uma boa-nova⁸. O próprio nome do marinheiro-filósofo português, Rafael Hitlodeu, enunciado por completo na carta que sucede ao hexástico, de Pieter Gillis ao mecenas Jeroen van Busleyden, aventa uma quimera. O primeiro nome daquele que descreverá a vida utopiana, que participou de algumas das viagens de Amerigo Vespucci e morou em Utopia por cerca de cinco anos, quer dizer “Deus cura”, em hebraico, além de evocar o nome da embarcação de Vasco da Gama que abriu a rota para as Índias em 1498 (São Rafael) e remeter ao nome do anjo bíblico que ensina a Tobias como curar seu pai da cegueira. Uma análise etimológica do sobrenome Hitlodeu evoca pessoa hábil em contar despropósitos: do grego *hythlos*, que resultará num verbo podendo significar “falar bobagens”, justaposto a *daios*, “hábil”. Hitlodeu seria um engenhoso narrador de tolices; porém, *daios* também pode significar “destruidor, exterminador”, aquele que é hostil a algo, portanto, Hitlodeu seria também alguém hostil às tolices, ou seja, um sábio – no livro I saberemos que ele “não navegou como Palinuro, mas como Ulisses – mais precisamente, como Platão”⁹. Cabe ao público leitor lidar com a polissemia do nome do portavoz da Utopia. A astúcia, virtude suprema para os utopianos, parece ser a virtude suprema da escrita moreana.

Outros indícios também apontam para isso nas demais cartas e poemas, nas notas marginais e nos livros I e II, longo diálogo entre Thomas More, Pieter Gillis (transformados em

8 Para uma visão geral dos substantivos e adjetivos derivados de *anemos* nos autores antigos e contemporâneos de More, ver o comentário 152/28 na edição das obras completas de Thomas More (1965 – a partir daqui indicada pela sigla CW4) e o que diz Luigi Firpo (em More, 1990, p. 65, n. 1).

9 “(...) nauigauit quidem non ut Palinurus, sed ut Vlysses: imo uelut Plato” (CW4 48/30-31).

personagens do livro) e Rafael Hitlodeu, em que se incrustam lembranças de outras conversas. Em uma passagem do livro I, o marinheiro-filósofo dá exemplos que comprovam a incompatibilidade entre governança e filosofia; depois de concluir que não há lugar para a filosofia junto aos governantes, Thomas More a ele se contrapõe, defendendo uma via oblíqua, estratégia de participação do filósofo na política:

não deves, porém, (...) desassistir a república, nem desistir de um navio durante uma tempestade porque não consegues deter os ventos. Por outro lado, não devem ser inculcados discursos inusuais e insólitos que sabes não terem peso entre os que estão persuadidos do contrário, mas por meio de uma via oblíqua deves tentar e esforçar-te para com teus recursos manejar todas as coisas vantajosamente a teu favor, e o que não puderes converter em bem, que ao menos faças com que seja o menor mal possível, pois não poderá acontecer de tudo estar bem a não ser que todos sejam bons, o que há vários anos já não espero.¹⁰

A impossibilidade da existência de cidadãos/ãs unanimemente bons/boas faz pêndulo com a possibilidade da existência (ao menos no terreno da ficção) de cidadãos/ãs unanimemente bons/boas, de espírito inteligente e brandura que advém da contemplação da verdade. Em *Utopia*, “todas as coisas são bem organizadas e a república é sólida”¹¹, “as pessoas são abertas e espertas, engenhosas, alegram-se com o ócio e (quando é preciso) resignam-se o suficiente aos trabalhos físicos, embora isso não lhes apeteça de forma alguma em outros momentos;

10 “(...) non ideo tamen deserenda Respublica est, & in tempestate nauis destituenda est, quoniam uentos inhibere non possis. at neque insuetus & insolens sermo inculcandus, quem scias apud diuersa persuasos pondus non habiturum, sed obliquo ductu conandum est, atque adnitendum tibi, uti pro tua uirili omnia tractes commode. & quod in bonum nequis uertere, efficias saltem, ut sit quam minime malum. Nam ut omnia bene sint, fieri non potest, nisi omnes boni sint, quod ad aliquot abhinc anos adhuc non expecto.” (CW4 98/27-100/3). É a partir dessa noção de via oblíqua que Miguel Abensour, no verbete dedicado à *Utopia* do *Dictionnaire des oeuvres politiques*, propõe uma leitura dessa obra (2001).

11 “(...) compositis rebus omnibus: & constituta republica” (CW4 132/22).

nos trabalhos intelectuais eles são infatigáveis”¹², em suma, “em nenhum lugar há povo mais excelente, nem república mais feliz”.¹³

A via oblíqua, porém, é também um modo de expressão que age na escrita da *Utopia* tanto no detalhe quanto em grandes linhas, ou seja, na minúcia etimológica, em figuras específicas, como as de negação e de repetição, na ironia, cujo entendimento desafia os leitores e leitoras mais avisados/as¹⁴, ou em estratégias argumentativas tais como ambivalências e contradições intencionais, que convidam ao deciframento, ao jogo e à reflexão. As análises econômicas mais finas são formuladas com imagens fortes e bem delineadas, como a das ovelhas que devoram os homens, “devastam e despovoam os campos, as casas e as cidades”¹⁵, introduzindo a análise das consequências dos cercamentos no livro I; ou jogos de palavras tão bem humorados quanto os dos *Sermões* de Agostinho, como, por exemplo, o que coloca num mesmo trecho *matella* (penico) e *metallum* (metais preciosos) e que ilustram as consequências éticas do motor da sociedade utópica, a comunidade de bens, que faz com que metais tão preciosos quanto o “ouro” sejam matéria para confecção de “ourinóis”.¹⁶

A forma dialógica, mimetizando conversas entre amigos nas quais estão embutidos variados recursos expressivos, participa da construção de um análogo ficcional de todos os aspectos da vida em sociedade (organização política, econômica, religiosa, educação, urbanismo, etc) dotado de uma lógica e coerência própria, que oscila permanentemente entre o possível e o impossível. Essa oscilação é patente quando, por exemplo, Francesco Sansovino publica em Veneza, em 1561, o livro II da *Utopia* em seu *Del governo dei regni e delle repubbliche così*

12 “Gens facilis ac faceta, sollers, ocio gaudens, corporis laborum (quum est usus) satis patiens, Caeterum alias haudquaquam sane appetens: animi studijs infatigata” (CW4 178/30-180/2).

13 “(...) nusquam neque praestantiorem populum, neque feliciorum esse rempublicam” (CW4 178/16-18).

14 Cf. Skinner, 1996, p. 274.

15 CW4 64/31-33 – 66/1.

16 Ver CW4 152/6-15. Ourinol, conforma se lê no *Novo Aurélio*, é a forma arcaica de urinol.

antiche come moderne, um manual de direito constitucional comparado que apresenta dezoito maneiras de governar: a do Estado da Igreja, de oito monarquias de sua época (França, territórios germânicos, Inglaterra, Espanha, Império Otomano, Pérsia, Tunísia e Marrocos), de oito repúblicas (Suíça, Ragusa, Gênova, Lucca, Veneza e as antigas Roma, Esparta e Atenas) e, por fim, o a do “governo da república de Utopia de Thomas More de Londres”.¹⁷

Da oscilação entre possível e impossível, ficção e realidade empírica, utopia e eutopia, decorrem duas grandes direções interpretativas que podem convergir em graus variados. A primeira vê no livro de More uma ferramenta para a exercitação do espírito (Montaigne pensava assim¹⁸), que pode revelar-se um potente instrumento crítico¹⁹, enquanto fermento da imaginação criadora e do desejo de transformação, enquanto a segunda o entende como proposta ou solução²⁰, como fez Vasco de Quiroga, na década de 1513, ao organizar a criação de dois povoados inspirando-se em Utopia, um em Michoacán, outro próximo da cidade do México, como solução para os males da colonização espanhola.²¹

Por fim, é importante considerar que a *Utopia* tem um antagonista, expresso em algumas de suas passagens: a filosofia escolástica. Ela pode ser lida levando-se em consideração o conflito entre humanistas e escolásticos (ou dialéticos), do qual é testemunha uma carta que More escreveu a Maarten van Dorp, porta-voz dos críticos de Erasmo, no mesmo período em que colocou no papel a descrição do país utópico, durante a missão diplomática em Flandres citada no livro I, entre 12 de maio e 24 de outubro de 1515²². Nela, More responde a outra carta em que Dorp atacava tanto o *Elogio da loucura* quanto a tradução erasmiana do *Novo Testamento*, além de criticar os “homens de

17 “governo della republica d’Utopia di Tomaso Moro da Londra”. Sobre isso, ver Cave, 2012.

18 Montaigne, *Essais*, 1965, III, 9, p. 957.

19 Ver Prévost, 2015.

20 Ver, por exemplo, Skinner, 1996, p. 280.

21 Sobre isso, ver a tese de Witeze Junior, 2016.

22 Sobre a datação da *Utopia* e da carta a Dorp, ver More, CW4, p. 574-576 e CW15 (More, 1986), p. xx-xxi, e também Murphy, p. 723.

letras”²³ (os humanistas) por cultivarem a *eloquentia*, acusando-a de ser mera paixão pelos “sinais”, fadada a afastar os leitores do verdadeiro conhecimento das coisas. More responde, por um lado, afirmando a dupla e igual importância das coisas (*res*) e da linguagem usada para expressá-las (*sermo*), por outro, alegando que os escolásticos não apenas deixavam de lado “as coisas”, o senso comum e a *eloquentia*, mas também a teologia, que só poderia ser praticada por um estudioso das línguas antigas e “versado em todas as ciências”, capaz de ler e interpretar com discernimento.²⁴ A exposição de um conhecimento positivo da política, da economia e de todas as demais instâncias da vida em comunidade mediante um uso atento e poético da linguagem são, justamente, o que constitui a *Utopia*, mundo inexistente, jogo sério que, paradoxalmente, pode exercer efeito sobre o existente, possibilitando percebê-lo sob outros prismas²⁵.

Referências

CAVALCANTI, Ildney. “Utopian Studies in Brazil: Roots and Routes”. *Utopian Studies*, Special issue on the Commemoration of the Five Hundredth Anniversary of Thomas More’s *Utopia*, v. 27, n. 2, 2016, p. 210-229.

CAVE, Terence (ed.). *Thomas More’s Utopia in Early Modern Europe. Paratexts and contexts*. Manchester: Manchester University Press, 2012.

MONTAIGNE, Michel de. *Essais*. VILLEY, Pierre (Ed.). 3 v. Paris: PUF, 1965.

MORE, Thomas. *Utopia*. In : SURTZ, Edward S. J. ; HEXTER, J.

23 Cf. CW15, p. 12 *et seqq.*

24 CW15, p. 32/18-19. “Poetas tratam de bobagens e os dialéticos, de coisas sérias. Poetas fingem e mentem, dialéticos nunca dizem nada a não ser coisas verdadeiras (...)” (“Poetae ergo nugas, dialectici seria tractant. Poetae fingunt, ac mentiuntur, Dialectici nunquam nisi uera loquuntur (...)”); “Pois se uma interpretação está correta, ele deve necessariamente emergir tanto da coisa de que se fala quanto do modo pelo qual se fala” (“Nam si recta est ea interpretatio, necesse est eam aut ab ipsa re, quae enunciat, aut ex proprietate sermonis emergere”), CW15, p. 35/25-27, traduções minhas.

25 Sobre o conceito de utopia a partir do século XIX, ver meu verbete *Utopia* publicado na revista *online* escamandro (RIBEIRO, 2021).

H. (Eds.). *The Complete Works of St. Thomas More*. Vol. 4. New Haven/London: Yale University Press, 1965.

MORE, Thomas. *Utopia [1516]. A Scholar Press Facsimile*. Leeds, England: The Scholar Press Limited, 1966.

MORE, Thomas. “Letter to Martin Dorp, Letter to the University of Oxford, Letter to Edward Lee, Letter to a Monk with a new text and translation of *Historia Richardi Tertii*”. In: KINNEY, Daniel (Ed.). *The Complete Works of St. Thomas More*. Vol. 15. New Haven/London: Yale University Press, 1986.

MURPHY, Clare. “Thomas More to Maarten van Dorp: tradition and humanism”. In: *Acta conventus neo-latini upsaliensis: proceedings of the Fourteenth International Congress of Neo-Latin Studies*, v. 1. Leiden: Brill, 2012, p. 721-734.

PRÉVOST, André. “A utopia: o gênero literário”. *Morus – Renascimento e Utopia*, v. 10, p. 437-448, 2015.

RIBEIRO, Ana Cláudia Romano. “Utopia: Brazilian Translations in Context”. *Utopian Studies*, Special issue on the Commemoration of the Five Hundredth Anniversary of Thomas More’s Utopia, v. 27, n. 2, 2016, p. 270-299.

RIBEIRO, Ana Cláudia Romano. “Utopia. escamandro,” Curitiba, 26/04/2021. Disponível em <https://escamandro.com/2021/04/26/abecedario-2/>. Acesso em 21 set. 2021.

SKINNER, Quentin. *As fundações do pensamento político moderno*. Tradução de Renato Janine Ribeiro e Laura Teixeira Motta. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

WITEZE JUNIOR, Geraldo. *O bom governo de México e Michoacán. Vasco de Quiroga e a colonização utópica da Nova Espanha (1531-1565)*. Tese de doutorado. Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.